

“NHE’ERÿ”:
COSMO-PERCEPÇÕES GUARANI EM FILMES DO “SELVAGEM”

“NHE’ERÿ”:
GUARANI COSMO-PERCEPTIONS IN “SELVAGEM” FILMS

Paloma de Melo Henrique (UFRGS)

meloh.paloma@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7898-9483>

Alisson Preto Souza (UFRGS)

alissonsouzaprof@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-0548-0229>

RESUMO: De modo transmidiático, o projeto Selvagem cria um espaço on-line e interconectado que oferece conhecimentos sobre as cosmovisões indígenas. Haja vista o canal do Youtube “Selvagem: ciclo de estudos sobre a vida”, este trabalho objetiva apresentar duas séries de filmes. A primeira é “Nhe’erÿ”, traduzida como o lugar “onde os espíritos se banham”, uma das séries de filmes curtos produzidos pelos indígenas Carlos Papá e Cristine Takuá, nas quais compartilham de forma poética os encantos da Mata Atlântica (a Nhe’erÿ) e as cosmo-percepções da língua guarani. Os vídeos da série “Ayyu Pará”, traduzidos como “desenhos da fala” são como pequenas aulas, que concentram significados profundos das nhe’ẽ, as “palavras-alma”. As aulas-filmes nos aproximam das cosmo-percepções dos Guarani por meio da língua indígena, a qual mostra a sua beleza de relações entre humanos e não-humanos, como uma cosmo-poética (Cesarino, 2012), capaz de criar imagens descolonizadoras (Cusicanqui, 2010). Com esse estudo se percebeu que os vídeos enquanto recurso político-social revelam uma das cosmo-práxis comunicacionais dos Guarani (Oliveira, 2020), mostrando que ambos não só criam novos parâmetros de tradução entre mundos como também geram uma resistência cosmo-poética contra-colonizadora.

PALAVRAS-CHAVE: língua guarani; nhe’erÿ; selvagem; filmes guarani; carlos papá.

ABSTRACT: In a transmedia manner, the Selvagem project creates an online and interconnected space that offers knowledge about the indigenous cosmovisions. Through the YouTube channel “Selvagem: ciclo de estudos sobre a vida” (Selvagem: cycle of studies on life), this work aims to present two film series. The first is Nhe’erÿ, translated as the place “where spirits bathe,” one of the short film series produced by the indigenous filmmakers Carlos Papá and Cristine Takuá, in which they poetically share the wonders of the Atlantic Forest (Nhe’erÿ) and the cosmo-perceptions of the Guarani language. The videos from the series “Ayyu Pará,” translated as “drawings of speech” are akin to small lessons that

*concentrate on the deep meanings of the *nhe'ẽ*, the “soul-words,” or the ‘speech,’ *ayvu*. The lesson-films bring us closer to the cosmos-perceptions of the Guarani through their indigenous language, which reveals its beauty in the relationships between humans and non-humans, as a cosmo-poetics (Cesarino, 2012), capable of creating decolonizing images (Cusicanqui, 2010). This study revealed that the videos, as a political-social resource, unveil one of the communication cosmo-practices of the Guarani (Oliveira, 2020), showing that they not only invent new parameters of translation between worlds but also generate a counter-colonizing cosmo-poetic resistance.*

KEYWORDS: *guarani language; *nhe'erỹ*; *selvagem*; guarani films; carlos papá.*

1 Introdução

A importância da consciência sobre o uso dos recursos tecnológicos é cada vez mais uma realidade no mundo das práticas docentes. Tão importante quanto isso na sociedade, como aponta Robson Cosmo (2020, p. 3) é “[...] refletir sobre a importância da valorização cultural dos indígenas, abordando o conhecimento da situação educacional e apontando os principais desafios na educação”.

Nascido de novas necessidades tecnológicas comunicacionais, o projeto *Selvagem* é uma rede que oferece percursos de estudo sobre diversos temas importantes de nosso tempo, articulando conhecimentos indígenas com conhecimentos científicos, filosóficos e de outras espécies, de acordo com a descrição do *site* do projeto. O ciclo produz cadernos, audiovisuais, debates, encontros, oficinas, conversas, aulas, exposições, entre outras formas de divulgação de conhecimento de forma gratuita para o público geral. Ainda há a publicação de livros da Dantes editora, que aprofundam temáticas discutidas no ciclo de estudos. As ações do grupo apoiam um conjunto de Escolas Vivas, que são centros de transmissão de conhecimentos indígenas. O intuito do *Selvagem* é de contribuir com a produção de caminhos outros para a educação, com a propagação de posturas construtivas e não destrutivas de formas de estar no mundo desveladas pelos povos indígenas. O projeto foi co-fundado pelo líder indígena e ambientalista Ailton Krenak, pela editora-executiva e criativa Anna Dantes e pela diretora de produção Madeleine Deschamps. O ciclo nasceu em novembro de 2018 com uma roda de conversa sobre as origens da vida, o DNA e as plantas mestras.

A partir de 2020, o *Selvagem* iniciou um trabalho junto ao cineasta e líder indígena do povo Guarani Mbya Carlos Papá. Os ciclos de aprendizados compreendem a tradução de palavras da língua guarani em sentidos que desvelam as cosmo-percepções profundas do povo, de forma a não reduzir as palavras a traduções que não expressam os significados próprios da língua.

Carlos Papá vive na Aldeia do Silveira em Bertioga, São Paulo, onde é uma liderança espiritual do seu coletivo. É coordenador da Escola Viva Guarani - Ponto de Cultura Mbya Arandu Porã, conselheiro do Instituto Maracá e membro da comissão Guarani Yvyrupa (CGY). Ele realiza trabalhos audiovisuais há mais de 20 anos a fim de fortalecer a cultura do seu povo com a produção de documentários, filmes e oficinas voltados à juventude.

Em 2021 foi publicada a série de filmes intitulada “*Nhe’ery*”, nome que os Guarani dão ao bioma que chamamos de Mata Atlântica. Mais do que o nome topográfico de territórios, os Mbya traduzem a expressão como o lugar “onde os espíritos se banham”, expressão que revela uma complexidade de sentidos, como veremos adiante. A partir das caminhadas feitas por Carlos Papá e Cristine Takuá, que é educadora, filósofa, parteira e artesã indígena, foram criados os vídeos que compõem a série. Cristine vive com Carlos Papá na aldeia do Rio Silveira, onde é professora independente. Ela também coordena o diálogo com as quatro Escolas Vivas do Selvagem, é fundadora do Instituto Maracá e membro fundadora do Fórum de Articulação dos professores indígenas do Estado de São Paulo (FAPISP). Além de Papá e Takuá, Anna Dantes e Elisa Mendes também assinam a série “*Nhe’ery*”. Assim, pretende-se a seguir expor qual a posição dos indígenas dentro desse contexto de hibridez tecnológica, cuja invenção de uma comunicação adequada é também método para *ser* e subverter os estereótipos disseminados pelo pensamento colonial.

2 Cosmo-práxis comunicacionais dos Guarani

Há centenas de anos, os povos indígenas se reinventam e resistem contra a colonização que usurpa territórios e vidas. Segundo Oliveira (2020), que cita Suely Rolnik (2015), há dois aspectos importantes envolvidos na luta pela terra: a falta de segurança no que se refere ao cumprimento das leis quanto à posse de terras, e os estereótipos e as estigmatizações relegados aos indígenas a fim de que sejam mais facilmente retirados dos seus territórios sob a violência estatal em prol do capital.

Nas suas lutas de resistência, contemporaneamente destaca-se a sua dimensão comunicacional (Oliveira, 2020). São vários os registros que podemos ter acesso: os *raps* Guarani, de grupos como Brô MC’s, Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul, as comissões de Cinema, como o Comunicação Kuery, coletivo de cineastas Guarani Mbya do Rio Grande do Sul, são alguns exemplos. Essas práticas denotam a subversão tanto na forma como nos usos dos meios de comunicação, apresentando não apenas formas diferenciadas, como também experiências “de produção da forma de vida em si, seja nas suas aparições públicas, quanto

desafios comunicacionais de natureza epistêmica na medida em que fogem também às formas interpretativas convencionadas da comunicação provocando-nos a pensar a comunicação intermundos” (Oliveira, 2020, p. 49).

A escolha por audiovisuais é mais significativa, nesse sentido, pois expressa muito mais a presença do corpo, da imagem, dos sons, do que se fosse feito um dicionário escrito, a forma mais comum da cultura ocidentalizada, grafocêntrica, de se fazer um compilado de palavras traduzidas. Além disso, como acrescenta Oliveira (2020, p. 49), essa comunicação reexistente ocorre em âmbitos paramidiáticos, ou seja, afastados da mídia convencional, “e, portanto, escapam do mediacentrismo e sublinham a biopotência comunicacional em detrimento do poder biopolítico dos meios, com consequências de subjetivação política e exemplaridade contrapontística às formas comunicacionais eurocêtricas”. Assim, nessa relação de resistência e oposição aos meios de comunicação de massa, que em parte reforçam estereótipos sobre os indígenas e fazem coro à guerra em curso, principalmente no Mato Grosso do Sul, os Guarani de várias regiões, vêm demarcando telas, mostrando suas lutas e culturas por meio do cinema.

De modo descritivo das cenas capturadas da série *Nhe’erý* do Youtube, faz-se, a seguir, uma breve análise sobre a noção de tradução no aparato audiovisual na voz de Carlos Papá, além de tecer reflexões relacionadas ao território, à língua e à cosmovisão espiritualizada desses povos.

3 “Nhe’erý” pelas *Nhe’ẽ Porã* e *Ayvu Parã*: cosmo-percepções da Mata Atlântica pelos Guarani Mbya em duas playlists de filmes do Selvagem

O primeiro filme da playlist “*Nhe’erý*” tem o mesmo nome da série de vídeos. O vídeo inicia com a cena do tronco próximo à raiz de uma árvore de grande porte em meio à mata. Os sons da floresta são fundo para a voz de Carlos Papá, que inicia falando em guarani mbyá. Sua fala começa com a palavra *Nhe’erý*, dando a entender que está explicando o que a palavra significa, “*Nhe’erý ma Mata Atlântica*”. Em seguida, a presença de Carlos Papá vai surgindo sentado numa das raízes sapopemas da árvore. Durante um minuto do vídeo, ele continua sua explicação. Ao final, ele se levanta e sai ao terminar sua fala. Por último, aparece uma tradução escrita da explicação de Papá, conforme as figuras 1, 2 e 3:

Figura 1: Carlos Papá no vídeo “*Nhe’erý*”.



Fonte: Selvagem: *Nhe'ery*. Youtube (2021)

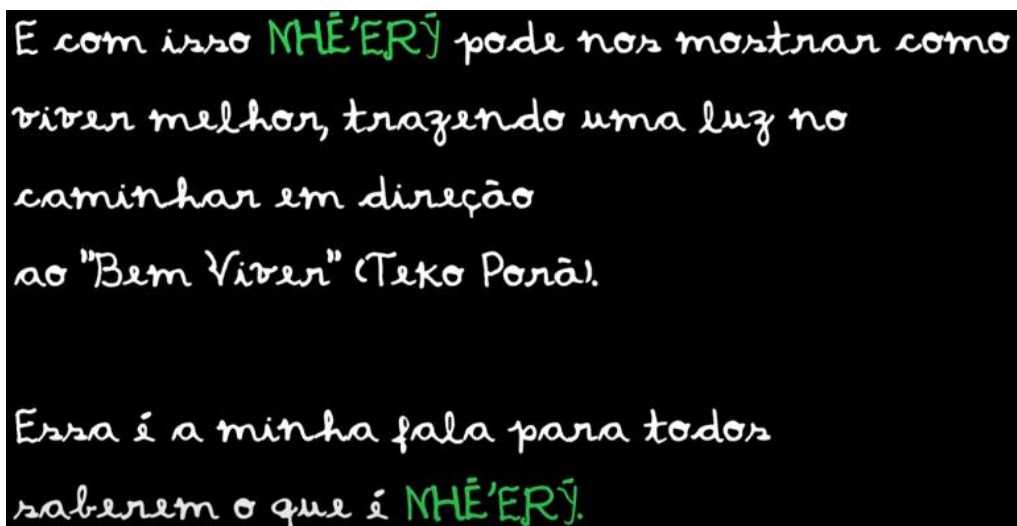
Figura 2: Imagem de texto do vídeo “*Nhe'ery*”.

O que é NHÊ'ERÿ?

Nós sabemos que NHÊ'ERÿ
 não é a Mata Atlântica em si.
 Mas como nossos anciãos falavam NHÊ'ERÿ
 é onde os espíritos se banham.
 Por isso nós devemos respeitá-la e
 sempre estar em diálogo com ela.

Fonte: Selvagem: *Nhe'ery*. Youtube (2021).

Figura 3: Continuação do texto do filme “*Nhe'ery*”



E com isso NHÊ'ERÿ pode nos mostrar como
viver melhor, trazendo uma luz no
caminhar em direção
ao "Bem Viver" (Teko Porã).

Essa é a minha fala para todos
sabermem o que é NHÊ'ERÿ.

Fonte: Selvagem: *Nhe'erÿ*. Youtube (2021)

Na tradução para o português da palavra *Nhe'erÿ*, Carlos Papá revela sentidos complexos de interação e inter-relação de seres humanos e não-humanos com o território. Ele inicia explicando que não há uma tradução literal da palavra para a língua portuguesa, uma vez que há um sentido intrincado trazido desde os antigos, mais velhos, de que *Nhe'erÿ* se refere ao local onde os espíritos se banham.

Por haver essa relação cosmo-perceptiva de que o território é também ocupado por outros seres, nesse caso espíritos, potencialmente sagrados, é preciso respeitar esse território, e, mais do que isso, manter uma relação recíproca de diálogo, dado que ele é passível de agência, podendo indicar caminhos rumo ao *Teko Porã*, o “Bem Viver” para vários povos indígenas, aqui com um sentido direcionado à cosmo-percepção Guarani. Além dessa tradução para o português, os vídeos da série contam com uma tradução para as legendas em inglês produzidas por Lucas Medeiros e transcritas por Katlen Rodrigues, o que indica a intenção de compartilhamento desses significados profundos para além do público brasileiro.

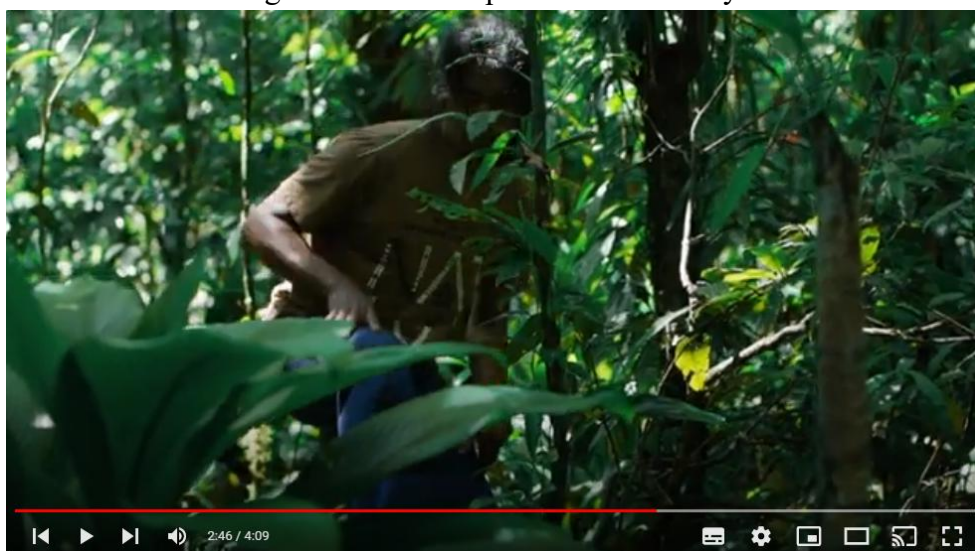
Cesarino (2012) destaca que a tradução entre regimes ontológicos tão distintos é uma das principais questões existentes, além da compreensão das particularidades de tradições orais ameríndias e de suas formulações de pensamento, no que tange aos limites da episteme moderna de mundo. Há centenas de anos, etnólogos e outros estudiosos não indígenas buscam traduzir aspectos das culturas dos povos indígenas no Brasil, muitas vezes, sem considerar que se tratam de alteridades antropológicas radicais cujos estudos ainda não são suficientes à altura da questão, como pontua o antropólogo Viveiros de Castro em diversos trabalhos. Nesse sentido, quando os próprios indígenas buscam a tradução de conceitos da língua nativa vislumbrando abarcar as complexidades inter-mundos existentes, ganha-se uma dimensão cosmo-perceptiva

distinta quando o interlocutor está aberto a compreender essas discrepâncias radicais e essas relações entre mundos visíveis e invisíveis, e em que sempre haverá sentidos ocultos.

Numa sociedade em que muitos meios de comunicação referem-se aos indígenas de modo a simplificá-los como povos sem cultura, sem conhecimento, banidos de qualquer complexidade, essas aulas filmes provocam uma ruptura no discurso dominante, abrindo caminho para concepções outras das culturas e cosmo-percepções indígenas. A língua, nesse sentido, exerce um papel central, dado que, segundo Lenkersdorf (2003, p. 18, tradução nossa), “Os idiomas são portas que nos permitem entrar em outras culturas, porque as incluem e as expressam”¹, pois existe uma ligação profunda entre língua e cultura.

O segundo vídeo da *playlist* tem o título “Jeroky” e começa com Carlos Papá de pé, em meio corpo, com os cabelos presos, com uma camiseta com desenhos de elementos da cultura Guarani, como a palmeira pindó e a *opy* (casa de reza), com a parede da casa de barro ao fundo. Ele explica os sentidos da palavra *jeroky* em português. Primeiramente, ele diz que a palavra comumente é traduzida como “dançar”, mas literalmente expressa a ideia de uma semente, um grão que se movimenta e surge para sair da terra, buscando a luz, ou seja, brotando, de forma flexível. Após a explicação, há um corte para outra cena que mostra a mata fechada. O líder espiritual chega ao fundo andando pela floresta, de maneira que expressa a “dança” que se faz com o corpo ao caminhar na mata, desviando-se das plantas.

Figura 4: Carlos Papá no filme “Jeroky”



Fonte: Selvagem: Jeroky. Youtube (2021)

¹ “Los idiomas son puertas que nos hacen entrar en otras culturas, porque las incluyen y las expresan” (Lenkersdorf, 2003, p.18).

O plano se aproxima dos pés do cineasta em câmera lenta, marcando a dança necessária para pisar a mata, e o líder espiritual faz o caminho de retorno de onde veio. O filme encerra com a frase escrita “Andar na *NHE'ERÿ* é uma dança”. Nesse filme, por meio da língua e das imagens, é possível nos aproximarmos, pelos sentidos de “dança”, “movimento” da mata não só no que se refere à conexão do próprio *Jeroky* que está ligado a ela, como também da ideia de que as plantas, como nós, “dançam”, têm essa agência. No ciclo de filmes “*Ayvu Pará - Desenhos da fala: Língua e Composição do Mundo Guarani*”, o décimo primeiro vídeo da série, intitulado “Brotar, dançar”, complementa os sentidos trazidos nesse vídeo, juntamente com o indígena Luã Apyká, que fala do “dançar com a chuva” e dos tempos referentes ao “meditar” das sementes até o momento de “brotar” como planta, e as relações com as vivências humanas. Carlos Papá ainda reflete sobre como nas sociedades não indígenas deixamos de “dançar” pela mata e os seus obstáculos que nos convidam à “dança”.

O terceiro filme da série “*Nhe'ery*” se intitula “*Ayvu Rape*” e inicia com a cena de mata fechada típica de Mata Atlântica, com uma bromélia em flor quase ao meio da cena. A voz de Carlos Papá surge junto aos sons da floresta com as seguintes palavras:

As pessoas não têm uma dimensão que essa mata, a selva, o *Nhe'ery* em si, tem de grande valor, de muita potência, que tem uma energia, que tem uma facilidade, que nós chamamos de *ayvu rape*, que nos transmite o som da palavra que leva longe. Daqui eu posso falar com um pajé que está lá em Mato Grosso. Eu posso falar através do rezo, da fumaça do cachimbo, o *petyngua*, através da linha, chamada linha da palavra, que leva imediatamente as mensagens lá na aldeia sem ter essa tecnologia dos *jurua*, que é o celular (Selvagem, 2021)

Enquanto se ouve a fala do líder espiritual, surge, no centro da cena, a imagem de uma teia de aranha, conforme a figura 5, que vai aparecendo do centro para as bordas do círculo. Após, aparece o fundo escuro com a inscrição “*Ayvu Rape*” e “Fio das palavras”, a possível tradução para a expressão.

Figura 5: cena do filme “Ayvu Rape”



Fonte: Selvagem: Ayvu Rape. Youtube (2021)

Os Kaiowá e Guaraní incluem em sua vida comunitária os espíritos dos ancestrais e os demais seres sagrados, de plantas, animais e outros seres, fazendo esta conexão por meio de rezas e cantos. Dessa forma, esses mundos visíveis e invisíveis interpelam representativamente na delegação de responsabilidades relativas a assuntos públicos comuns, coletivos e também dos indivíduos que vivem em coletivo. Então, nessas aparições públicas, os seres espirituais também estão representados, conforme Oliveira (2020), que cita também a Constituição do Equador que concedeu cosmo-politicamente a possibilidade de a natureza se expressar.

Numa cosmo-percepção fortemente vinculada com a prática, por isso concebida como “cosmo-práxis”, de acordo com Oliveira (2020), os xamãs são lideranças espirituais e intelectuais de grande importância, pois têm domínio das tecnologias de acesso aos mundos invisíveis e sagrados e ativam variadas transmutações e trânsitos por esta terra e outras muitas, como revela Papá no vídeo.

O quarto vídeo da série, “*Xeyvara Reté*”, inicia com a cena aproximada das costas nuas do líder espiritual Carlos Papá e seus cabelos molhados parecendo raízes juntos à pele. O indígena está sentado de cócoras em um riacho raso, de águas claras e fluxo suave, onde mexe com as mãos na água procurando pedrinhas, que vai juntando. Em seguida, ele vai mexendo na água ao redor das pedrinhas com as mãos, conforme a figura 6, produzindo um som.

Figura 6: cena do filme “Xeyvara Reté”



Fonte: Selvagem: Xeyvara Reté. Youtube (2021)

Em seguida, aparecem as seguintes inscrições na cena, palavra por palavra:

Yy - água - sustento líquido - pilar de todo universo Yvy - terra - parceira da água
Yvyrá - árvore - madeira - futuro parceiro da água
Xeyvara reté - eu sou futuro do parceiro da água (Selvagem, 2021)

A palavra Yy significa “água”, mas além disso, significa “sustento”, “pilar”, um sustento líquido que é pilar de todo o universo. Yvy significa “terra”, que está no meio da água (Yy), ela é a parceira da água. Yvyrá é “árvore”, que contém a “terra”, que é parceira da água. A partícula “ra” indica futuro, então Yvyrá é o futuro da terra, o futuro parceiro da água. Xeyvara reté tem a partícula “xe”, que significa “eu sou”, com a água “y” no meio, e a partícula reté, que significa “verdadeiro”, então xeyvara reté é “eu sou futuro do parceiro da água”. No vídeo 1. *Pilares do pensamento Guarani Mbya*, Carlos Papá complementa que a expressão, como é dita pelos mais velhos, significa “o meu eu verdadeiro é o futuro infinito parceiro da água”. A expressão carrega em si a relação da constituição da pessoa com a água e a terra. Como o líder diz, nós somos terra e água. Assim, a língua Guarani traz em si, essa relação profunda expressa entre ser humano e seres não-humanos, e a agência destes.

Para Escobar (2016), essas vidas entrelaçadas operam segundo uma lógica rizomática, uma lógica difícil de seguir de maneira simples e, se possível, ainda mais desafiadora de mapear ou quantificar; elas nos mostram uma maneira totalmente distinta de existir e se desenvolver em um espaço e lugar específico. São experiências que criam mundos inter-relacionados ou ontologias, que, de forma abstrata, podem ser descritas como uma ontologia na qual nada existe independentemente das relações que a relacionam. Ou seja, as coisas e os seres só têm existência em função de suas conexões com outros, não possuindo uma vida desconectada dessa complexa rede.

O último vídeo da série “*Nhe’ery*” encerra com o canto “*Ka’aguy*”, que dá título ao filme, entoado por Cristine Takuá em língua guarani. Como no primeiro vídeo, nele ouvimos a língua indígena pelo canto de Cristine e os sons da mata. Takuá canta com voz doce e suave o canto enquanto aparecem cenas da floresta. Primeiramente, vemos a cena do céu na aurora, com algumas estrelas ainda despontando e a copa de duas árvores à direita na cena. Outras cenas das copas das árvores da mata vão compondo o vídeo. Entre as cenas da floresta, aparecem escritas as palavras: “Sob as plantas na floresta”. Depois, a letra da canção em guarani e a sua tradução para o português:

Ka’aguy Nhanderu ojapo va’ekue
Mamo jaiko’ai derery rupi meme

Ejo ejo apyma xe ai
Ejo ejo apyma xe ai

A floresta quem criou foi nosso pai primeiro
Onde estivermos sempre
será por seu nome Nhanderu

Vem vem que estou aqui
Vem vem que estou aqui
(Selvagem, 2021)

Conforme Cesarino (2012, n.p), mais do que trazer tentativas interessantes de tradução literária ou reescrita de cantos e outras expressões das línguas indígenas, é importante haver a reflexão sobre “as configurações ontológicas indissociáveis das poéticas ali traduzidas”, o que essas lideranças espirituais conseguem fazer nas suas produções de tradução de mundos, explorando a diferença radical em relação ao sujeito autocentrado. Passemos, neste momento, a exibição da segunda série de vídeos *Ayyu Pará* também presente no canal *Selvagem* do Youtube.

4 *Ayyu Pará*

O *Ayyu Pará – Desenhos da fala: Língua e Composição do Mundo Guarani* é um ciclo de estudos também sobre a *Nhe’ery*, online, composto por 13 aulas em filmes que exploram os sentidos de temas importantes, que se relacionam com o território de Mata Atlântica, na língua guarani, protagonizado por Carlos Papá e outras pessoas indígenas convidadas. Estes filmes, por sua vez, ocorreram primeiramente de forma presencial, porém, integraram-se à plataforma de modo on-line tecendo uma inter-relação com as outras produções já desenvolvidas no canal.

A playlist no Youtube é intitulada *Ayvu Pará - Nhe'erý*. Os vídeos abordam os seguintes temas, conforme os títulos: “1. Pilares do pensamento Guarani Mbya”, “2. Água e ciclo cósmico”, “3. *Idja*: donos e protetores na *Nhe'erý*”, “4. *Nhe'erý*: onde os espíritos se banham”, “5. Comida boa, comida ruim”, “6. Frutas e seres na *Nhe'erý*”, “7. Nomes de povos indígenas na *Nhe'erý*”, “8. Topônimos e significados”, “9. Natureza e vida cotidiana”, “10. Integrar o movimento do universo”, “11. Brotar, dançar”, “12. Saber levar os dias e interpretar os signos” e “13. Caminhar na *Nhe'erý*”.

O ciclo presencial ocorreu no Museu das Culturas Indígenas em São Paulo, onde foi gravado. Nos vídeos Carlos Papá aparece sentado junto ao convidado ou à convidada conversando e explicando o assunto da aula. O caráter didático permeia o discurso de todo o ciclo, delineado, sobretudo, por conversas e pinturas. Atrás, há uma tela que vai sendo pintada por alguns jovens Guarani. Em alguns momentos aparece a plateia que assiste às aulas e suas anotações nos seus cadernos. À medida que os conceitos são explicados, alguns termos aparecem no vídeo, conforme a figura 7:

Figura 7: cena do vídeo “1. Pilares do pensamento Guarani Mbya”



Fonte: Selvagem: 1. Pilares do pensamento Guarani Mbya. Youtube (2023)

No primeiro vídeo da série, “1. Pilares do pensamento Guarani Mbya”, Carlos Papá apresenta elementos fundamentais da *Nhe'erý* para compreender parte da filosofia Guarani Mbya. A partir da aula, entendemos a relação entre a *Nhe'erý* e a fala, a “*nhe'ẽ*”, ou o “tocar” Guarani. Primeiramente, ele explica os elementos, *yvy*, *yvyrá*, como no vídeo da série apresentada anteriormente, e acrescenta o *yvvtu*, o “suspiro da terra”, o “vento” para nós. Assim como as outras palavras, ela traz a água em sua composição morfológica: “*yvy*”, o parceiro da

água, “tu” o “sopro”, ou o “barulho”. A seguir, o cineasta apresenta a expressão *xeyvara reté* e acrescenta que gostaria que nós também nos sentíssemos parte do parceiro da água, ou seja, da “terra”, porque o “meu eu verdadeiro é o futuro infinito parceiro da água”. A partir disso, ele explica a relação com a *Nhe’ery*. *Nhe’ery* é “algo que vem de dentro para fora”, conforme explicita Papá. “Quando o pássaro canta, “guara’i *onhe’ë*”, é um som que vem de dentro pra fora” e ao mesmo tempo é o “toque” de todas as estruturas do nosso aparelho fonador. A partir de então, Papá explica a relação com a *Nhe’ery*, pois a fala, “*nhe’ë*”, vem úmida, o nosso corpo precisa de água para tudo, e a fala vem umedecida. Ele finaliza: “Nesse sentido é que vem a *Nhe’ery*, para chegar onde as almas se banham tem que cantar”. Assim, compreendemos a intrincada rede de relações do Guarani que canta, com a sua água, *yy*, para que os espíritos se banhem naquele território, compondo uma cosmo-poética que imbrica seres humanos e não-humanos com as “palavras”, *nhe’e*.

É importante destacar a opção por utilizar as pinturas, os “desenhos da fala”, além do uso do audiovisual para a composição das aulas-filmes. A tradução para o português, de certa forma, não consegue ser suficiente para abarcar os sentidos da língua Guarani. Silvia Rivera Cusicanqui (2010) observa que as palavras muitas vezes perdem o valor, dizendo pouco, porque o discurso que usamos é marcado por uma língua de matriz europeia oficializada, que domina sobre outras e não carrega os significados próprios de diferentes imaginários, poderíamos dizer diferentes concepções e percepções do cosmos e das formas de vida e de viver. Em vez disso, essa língua, muitas vezes, oculta e bloqueia esses outros sentidos. Diante disso, a socióloga boliviana de origem aimara desenvolveu a “sociologia da imagem”, destacando que as imagens conseguem expor esses sentidos reprimidos ou esquecidos pelas palavras, sobretudo pelas línguas e discursos oficiais.

Tanto o colonialismo quanto a colonialidade, como também destacou Lienhard (1992), sempre se valeram das palavras, especialmente das escritas, para dominar e submeter os povos colonizados. Assim, para Cusicanqui (2010), são através das imagens que os povos andinos têm preservado e formulado suas próprias ideias e narrativas, inclusive aquelas que o discurso oficial buscou cristalizar como negativas. A imagem como um recurso típico e subversor, então, de relembrar, renarrativizar e de busca a narrar a si enquanto coletividade, além de exibir a forma com a qual sente e se relaciona com o mundo vivo.

A transformação cultural profunda em nossa sociedade está condicionada à descolonização de nossos gestos, ações e da linguagem com que compreendemos o mundo. Reintroduzir o bilinguismo como uma prática de descolonização possibilitaria o surgimento de um “nós” composto por interlocutores e criadores de conhecimento, capazes de dialogar em

condições de igualdade com outras fontes de pensamento. A metáfora *ch'ixi* incorpora uma ancestralidade dupla e em tensão, negada por processos de aculturação e pela “colonização do imaginário”, mas que também pode ser harmoniosa e livre ao libertar nossa metade indígena ancestral ao fomentar formas dialogadas de construção de conhecimento (Cusicanqui, 2010).

5 Considerações Finais

Conforme dados do Instituto Socioambiental, os Guaraní habitam regiões da América do Sul como Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai. Também autodenominados “Avá”, “pessoa” na língua originária, os Guaraní dividem-se em três grupos com distinções culturais e linguísticas, Kaiowá, Nhandeva e Mbya. Esses três subgrupos falam variações linguísticas do Guaraní, que pertencem ao tronco linguístico Tupi e à família linguística Tupi-Guarani.

Os *Mbya*, por sua vez, mantêm o seu idioma materno vivo de maneira eficaz, uma vez que a língua é um dos mais fortes elementos de sua identidade. O guarani *mbya* é a única língua usada por grande parte das crianças, das mulheres e dos idosos. Em relação à aprendizagem, desde cedo, o uso da língua indígena, via oral, é fundamental no processo educacional das crianças. Mais tarde, o português é aprendido pelos representantes de suas lutas frente ao Estado Nacional, em grande parte pela população ainda jovem, mostrando a cosmo-percepção do que é a língua na ontologia indígena.

Levando isso em consideração, os filmes das séries *Nhe'ery* e *Ayvu Pará* representam muito mais do que simples registros audiovisuais: são manifestações de resistência e recriação cultural que reafirmam a complexidade cosmo-perceptiva e comunicacional do povo Guaraní. Essas produções, lideradas por indígenas como Carlos Papá e Cristine Takuá, traduzem os sentidos intrincados de sua língua e cultura de uma forma que desafia os parâmetros ocidentais de compreensão e comunicação.

As aulas-filmes nos oferecem um mergulho profundo nas cosmo-percepções Guaraní, explorando uma compreensão de mundo em que seres humanos, seres não-humanos e espiritualidade estão intrinsecamente interligados, fazendo parte de uma mesma natureza. Por meio de imagens, palavras e sons, essas produções transcendem as barreiras da tradução literal e abrem espaço para compreensões mais amplas e sensíveis das relações inter-mundos promovidas pelos Guaraní.

Ao trazerem a *Nhe'ery* – o bioma que os não-indígenas chamam de Mata Atlântica – como um lugar onde os espíritos se banham, e as palavras ganham vida em desenhos, os filmes reafirmam a importância da preservação dos territórios, não apenas como espaços físicos, mas

como lugares de resistências culturais, espirituais e políticas. Cada vídeo revela pedagogias próprias, descolonizadoras e contra-hegemônicas, que valorizam a oralidade, a corporeidade e a ancestralidade como formas de transmitir e preservar o conhecimento.

Além disso, o uso do audiovisual como meio de comunicação é um ato de subversão frente as narrativas eurocêtricas que muitas vezes desumanizam os povos indígenas. Nesse contexto, lideranças como Carlos Papá e Cristine Takuá desempenham um papel crucial, não apenas na produção cultural, mas na luta por reconhecimento e respeito às cosmovisões indígenas. Ao apresentar conceitos como *Teko Porã* (bem viver), *Ayvu Rape* (fio das palavras) e *Jeroky* (dançar), os Guarani nos convidam a refletir sobre a reciprocidade, a interconexão e o respeito que devem guiar as relações entre corpo, vida e território, que são um só interligado.

Essas novas produções tecnológicas no ensino representam mais do que uma resistência cultural: são atos de criação de novos parâmetros de convivência e educação. Ao interligarmos conhecimentos indígenas e não indígenas, elas oferecem caminhos para pensarmos nossas próprias formas de estar no mundo, enfatizando a importância de um futuro sustentável, em que a diversidade cultural e linguística seja respeitada e cultuada. Assim, o projeto *Selvagem* nos inspira a valorizar as “palavras-alma” (*nhe’ẽ*) que emergem da filosofia ancestral Guarani, reafirmando a vitalidade e a potência dos povos indígenas na construção de equilíbrio cósmico.

REFERÊNCIAS

CESARINO, P. Os relatos dos Caminho-Morte: etnografia e tradução de poéticas ameríndias. *Estudos Avançados*. São Paulo, Volume 26, n. 76, s.n., 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/s56DzM3Nx5CSk86nBs6Lz8b/?lang=pt#>. Acesso em: 01 dez. 2024.

COSMO, R. F. Ensino e aprendizagem utilizando tecnologias na perspectiva indígena. *Anais VII CONEDU - Edição Online*, Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68511>. Acesso em: 01 dez. 2024.

CUSICANQUI, S. R. *Ch'xinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

ESCOBAR, A. Sentipensar con la Tierra: Las Luchas Territoriales y la Dimensión Ontológica de las Epistemologías del Sur. *Revista de Antropología Iberoamericana*, Madri, v. 11, n. 1, p. 11-32, 2016.

GUARANI. Povos indígenas no Brasil, 2025. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Guarani>. Acesso em: 01 dez. 2024.

LENKERSDORF, C. Outra Língua, Outra Cultura, Outro Direito. El ejemplo de los maya-tojolabales. In: ORDOÑEZ CIFUENTES, José Emilio. *El derecho a la lengua de los pueblos indígenas. XI Jornadas Lascasianas*. México, UNAM, p.17-30, 2003.

LIENHARD, M. *La voz y su huella: Escritura y conflicto étnico-social en América Latina (1492-1988)*. Ciudad de La Habana: Ediciones Casa de Las Américas, 1992.

OLIVEIRA, Luciana de. Cosmopraxis comunicacional dos povos indígenas Kaiowá e Guaraní: resistência e luta por visibilidade. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, [s.n.], v. 19, p. 46-58, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/38173>>. Acesso em: 01 dez. 2024.

O QUE SOMOS. Selvagem: ciclo de estudos sobre a vida, 2025. Disponível em: <https://selvagemciclo.org.br/o-que-somos/>. Acesso em: 01 dez. 2024.

ROLNIK, R. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. Rio de Janeiro: Boitempo Editorial, 2015.

SELVAGEM. Ayvu Rape. YouTube, 01 de dezembro de 2021. 1 min.22seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=czwpPvu3ziQ&list=PLYysvnBmz4S1Seu3RBGFNagpUiTiLNx8E&index=3>. Acesso em: 12 de março de 2025.

SELVAGEM. Jeroky. YouTube, 29 de novembro de 2021. 4 min.9seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mlipzvcQ9wM&list=PLYysvnBmz4S1Seu3RBGFNagpUiTiLNx8E&index=2>. Acesso em: 12 de março de 2025.

SELVAGEM. Ka'aguy. YouTube, 04 de dezembro de 2021. 1 min.53seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SORC5i4K4vI&list=PLYysvnBmz4S1Seu3RBGFNagpUiTiLNx8E&index=5>. Acesso em: 12 de março de 2025.

SELVAGEM. Nhe'erý. YouTube, 27 de novembro de 2021. 1 min.53seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uGhezj9TOog&list=PLYysvnBmz4S1Seu3RBGFNagpUiTiLNx8E>. Acesso em: 12 março de 2025.

SELVAGEM. Xeyvara Rete. YouTube, 02 de dezembro de 2021. 2 min.24seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m6xgdjD0PqI&list=PLYysvnBmz4S1Seu3RBGFNagpUiTiLNx8E&index=4>. Acesso em: 12 de março de 2025.

SELVAGEM. 1. Pilares do pensamento Guaraní Mbya. YouTube, 13 de setembro de 2023. 9 min.13seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1m1vNMxaHs0&list=PLYysvnBmz4S3qv0IeroA3vmjyenUInjCC>. Acesso em: 12 de março de 2025.

Texto submetido em: 01 dez. 2024

Aceito para publicação em: 19 fev. 2025

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.144374>

